

GAZETA

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 29 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 4 de Setembro de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO, Guimarães

A CESAR

Está encerrado o parlamento. Dizem alguns jornais que ele tentou resgatar os erros passados trabalhando afincadamente nos ultimos dias, alguma coisa fazendo de geito. Não nos parece que por isso mereça louvores. Trabalhou, é certo, nos ultimos dias; mas fê-lo atabalhoadamente, entre bocejos e abraços de despedida, num hoteleira nada louvavel, se olharmos aos graves assuntos tratados. De afogadilho foram votadas medidas que mereciam demorada análise e mesmo assim, para que tal se desse, foram precisos concertos, combinatas, entre as forças politicas, caprichosas como nunca as vimos.

Um parlamento assim é trambolho amarrado ás pernas dos governos, que nele não podem ter o auxilio necessario, antes o devem contar como o mais formidavel obstaculo a vencer. Não deixa saudades no ver de muitos e no nosso tambem, que seguimos passo a passo a sua obra e nela não encontramos nem inteligencia, nem devoção patriótica. A paixão partidaria dominou vergonhosamente e, por vezes, até a questiuncula pessoal se estabeleceu, escandalosa. Parlametos destes são a melhor propaganda contra os regimes parlamentaristas; autenticas lesmas que nem andam, nem deixam andar os outros, a sua obra é negativa, tão lon-

ADEUS

Vossa Excelencia já leu Poé? Não?... E Tales de Mileto e Anaximandro de Clido e Piteas de Nieca e Hiparco de Marselha e Camões da Etruria? Não leu? Mas leu Eratostenes de Frossos e Strabão da Babilonia? Tambem não?... Pois, não sabe o que perdeu. Maravilhosos, minha senhora, simplesmente maravilhosos pela empanturrada de luz que nos pregam. Dito não tem graça, perde o sabor. E' como o som da harpa jonica que falece em melodia e encantos, quando o não tangem as virações do Egeu. V. Ex.ª conhece o Egeu? Oh! Um lago azul, donde emergem, aqui e além, agora e logo, picos ilhosos, que, quais cabeças de cisnes, se balouçam airozas ao sabor da leve ondulação de Neptuno; ondinas petrificadas, a medirem o compasso das pernas de Hercules, pois foi lá que este mata-mouros aprendeu a andar. Não está ao par? E' pena. Com

ge de corresponder ás aspirações nacionais. Dir-se-hia que entre a nação e os seus legisladores se tinha aberto profundo abismo.

Tantos são os problemas que carecem de solução urgente, tantas as questões que pedem criterioso estudo e pronto remedio, e, apesar disso, o nosso parlamento foi gastando o tempo em rixas inglorias de comadres zangadas, enchendo os cantos de S. Bento com a verborreia zaragateira da velha politica ciosa da sua posta, da velha porca de outros tempos, a grunhir indifferente a tudo quanto não fôsse baixo caciquismo, reles partidarismo. E' por isso que o desalento sobe e muitos dizem que entre isto e o que estava não vai diferença de palmo, como deve ser por isto que dentro do proprio parlamento, em plena sessão, a Republica e os republicanos são achincalhados e insultados por quem menos autoridade tinha para o fazer. E' por isso...

Mas, deixemos o resto para outra vez. O governo tem um mês diante de si com os pais da Patria em férias. E' de esperar que faça o que não podia fazer com estes legisladores á perna. E depois—quem sabe?—talvez surjam novos valores capazes da acção necessaria para pôr remate a tanto destempêro.

DÓRIO.

a sua elevada inteligencia, devia a minha boa amiga dedicar-se, pouco que fôsse, ás antiguidades. Nós não valem nada, não somos nada, ante os assombrosos talentos de que lhe falei. Rivais dos deuses, eles fizeram obras que duraram mais do que os altares das suas pátrias, mais que os nomes dos seus templos. Que pena, minha senhora... Que eu tambem os não conheço, é bem verdade; mas, sei-lhes os nomes e já não é pouco. E' ver como só com eles V. Ex.ª ficou aí empanturradinha de sciência... Vale de muito, minha boa amiga; com meia duzia de palavões destes faz-se um discurso, um artigo e no fim é data certa de orador fluente ou de insigne escritor. Não tem visto?... Pois, sabem tanto como eu: sabem apenas os nomes; no entanto, é ver o figurão que eles fazem, estes patetinhas ôcos como ovos chupados. E' areia tudo aquilo; areia que atiram aos olhos dos papalvos. Areia e mais nada.

O' coisa.

ECOS

Fábricas

Contra o que por aí se propalou podemos afirmar que não cessará o trabalho nas fábricas. Nem as fábricas fecham, nem entre os industriais há o minimo intuito de tornar mais sombrio o quadro de miséria em que o operariado se debate, mercê da constante subida do preço dos géneros. Registamos com prazer o facto, a ver se assim se põe termo a atoardas que só dependem contra os que as inventam.

De enganados vivem... os escravos

Como um elixir de longa vida, o livro de João Franco produziu os efeitos devidos no monarquissimo meio de Guimarães.

Limparam-se as trombetas, aguçaram-se os bicos, concentraram-se as ideias e vá de se deitar escritos «substanciais», apreciando a obra do ditador.

Monárquico-constitucional, monárquico-integralista e monárquico-sindicalista, afinando por um só diapásão (embora em escalas diferentes), todos se derretam no apreciar daquela prosa que nunca souberam mastigar, mas que o «anobismo» e a «inconsciencia» lhes diz ser da mais tradicional, da mais pura e da mais transcendental largueza de... vistas.

—Para a frente, gritam uns!
—Devagar que temos pressa, balbuciam outros.

—Agora? Logo? Amanhã? — cochicham terceiros.

E neste jogo de empurra, fê e desânimo a um tempo, ficamos nos a cogitar na próxima «restauração» franquista, com o decreto de 31 de Janeiro, as eleições do Peral e Azumbuja, a censura aos jornais e o encher das penitenciárias.

Tremei, republicanos!

Bons lugares

O S. Bento da Porta Aberta arranhou no seu S. Miguel deste ano a módica quantia de 80 contos, ou, pela cartilha nova, oitenta mil escudos. Isto sem contar umas libritas em ouro e outras ofertas de não menos valia.

Um ano e pêras, dirá o santo com os seus botões, e um meigo, um celestial sorriso bailar na sua face severa — eu creio que é severa a face dos santos. Um ano e pêras; o pior é se o corvo sabe e deixa de me trazer o pão. E logo a frente se lhe anuviou. Se lá em cima o sabem, lá se me vai a diária.

E nestas cogitações estava S. Bento, quando distingue entre as ofertas 4 carros de sal. Tristeza imensa se lhe reflecte então no dolorido olhar. Houve até quem visse duas lagrimas a rolar pela lustrosa face do mártir. E, contudo, ninguem se lembrou de gritar, como nos bons tempos: MILAGRE! Não; ninguem tugiou nem inugiu, e' que

toda a gente via que não estava a contas com qualquer maravilha.

Aquela tristeza, aquelas lagrimas eram a coisa mais natural deste mundo; eram o producto duma grande dôr, a dôr do santinho ao ver que os seus martirios não tinham cessado. Ainda havia sal neste mundo, nunca mais se acabaria o sal, chorava S. Bento, e, todavia, desde que para cá vim, nunca deixaram de m'o pôr na moleirinha!

P. P.

Instrução Primária

A Cantina Escolar Vimaranesense

Vive com muita dificuldade esta benemérita instituição escolar, e corre o risco de fechar, se lhe não valerem as almas benfazejas.

No ano findo a despesa mensal, só em pão, regulou por 30 \$50. Acrescentando-se a enorme despesa em feijão, arroz, azeite, sal, lenha, louças, utensilios de cozinha, etc, e avale-se o total. Os auxilios do Governo e da Camara não tem sido multiplicados pelo coeficiente correspondente á carestia da vida.

O do Governo foi de 750\$50 no ano de 1922, e de 1:500\$00 no de 1923. A Camara estabeleceu o de 500\$90 anuais desde a sua fundação—1911 ou 1912. Para actualizar-se este subsidio teria de ser multiplicado por 30, isto é, a Camara para manter o mesmo auxilio devia conceder-lhe 15:000\$00 anualmente. Mas não. A Camara dissidente retirou dos seus orçamentos aquella pequena verba. Depois, ao sair, votou um orçamento suplementar, ou coisa semelhante, o subsidio de 1:500\$00 — a verba dos seus três anos de garantia municipal, que não foi recebido antes da posse da actual Camara, a qual o não confirmou. Depois de várias demarches foi afinal recebido da Camara a verba de 1:000\$00, e nisto se resume o seu auxilio há cerca de 5 anos, além de alguma lenha conseguida pelo sr. A. L. de Carvalho, proveniente da poda das árvores municipais quando fez parte da Camara. E' pouco. Se não fôsse o rendimento do quintal, que dá, pelo menos, a grande verba da hortaliça e para pagar á cosinheira, já a cantina se veria obrigada a terminar com o seu beneficio ás criancinhas pobres.

Felizmente, que neste ano se tem virado para ela a alma generosa dos particulares. Assim, apaz-nos registar com muita satisfação e agradecimento os seguintes donativos:

Do Ex.º Sr. José Pinto Teixeira de Abreu, que já fez parte do conselho e assistência—100\$00. Da verba de beneficência concelhia, por intermédio do Ex.º Sr. Senhor Mário de Sousa Menezes—2 0500. Das casas

de recreio de Vizela, por intermédio do Ex.º Sr. Senhor Delegado do Governo — crêmos que o Sr. Guilhermino Rodrigues — 1:000\$00, e a promessa da entrada de mais 2.000\$00. De um Ex.º Anónimo, por intermédio do Sr. Delegado do Governo—100\$00. Bem haja quem bem faz.

Em nome das criancinhas esfomeadas e da Comissão de assistência escolar o nosso profundo reconhecimento.

Nesta crise horrorosa de fome para uns e de—triste sarcasmo social—fartura para outros, muitas criancinhas deixavam de frequentar a escola publica da cidade, se não houvesse a Cantina. Crianças há que só têm a refeição que lhes fornece a Cantina. As segundas e sextas feiras várias criancinhas, da parte da manhã, têm caído em deliquia, com fraqueza.

Corações generosos, almas ansiosas de espalhar o Bem, não esqueçais a Cantina Escolar!

Dr. David d'Oliveira

Accompanhado de sua Ex.ª Familia, partiu para a Povoa de Varzim, em gozo de férias, o nosso querido director, Dr. David d'Oliveira.

Assume interinamente o seu cargo, o administrador deste jornal e camarada de redacção, Luís Filipe Coelho.

A MODINHO

A vida vai para os santos, que não falta quem lhes faça festas e lhes pague ainda por cima. Não há dia nenhum que o foguetorio não estoure em honra e lavour de algum bemaventurado da montanha ou da planície, da aldeia ou da cidade. Os devotos são aos cardumes, tautos, pelos menos, como os ricos de virtudes e bens que deixam na miséria os hospitais e outras casas de beneficência. Haja bródio e o resto são cantigas.

Vai para os santos a coisa, que nunca se viram tão acarinhadados com dádivas e votos, foguetos e filarmónicas, autenticas pançadas de paganismo, com rascante a mais e moralidade a menos, muitas cantigas do pega aqui e muitos zumbas na barra da saia. Pois, se o povo precisa de divertimentos... Deste modo, vão dois coelhos a uma cajadada: serve a devoção a pagodeia. Pois, então!

Quando, de volta da romaria, traz a imagem do santo entre a lita e a copa do chapéu e se arroma para qualquer valeta a vomitar iscas e vinho, ou desata a tirar secantes á cabeça do próximo, está a matar os dois coelhos. Não há que espantar. E' assim mesmo. Já assim era há 2, 3 e 4 mil anos. Foi sempre assim. Vão lá tirá-los dessa costumeira. Era moralizador, era; até era necessário. Mas, diria logo o outro, era atacar a religião, um atentado contra a liberdade de culto,

Já aqui debatemos a questão da conduta intelectual e moral que as diversas classes deviam seguir e, embora não a tivéssemos exposto com regular método, tentamos, pelo menos, guiá-la para o lado essencialmente da prática, de molde a infiltrar nos espiritos menos cultos alguma coisa de aproveitável — persuadidos como estávamos de que a ignorância era coisa má, coisa prejudicial.

Cingidos a um pensamento do médico Toulouse, ampliando-o e desenvolvendo-o em raciocínios ponderados e calmos, foi nosso intento aproximar classes que se odiavam, apontando virtudes e emendando erros, mostrando o mal que da sua ignorância poderia advir e explicando o modo da conduta na vida.

Referindo-nos a patrões e a operários, respeitando-os mutuamente, dissemos que se deviam aproximar o mais possível, procurando entenderem-se de maneira a estabelecer um equilíbrio de unidade que fosse um dualismo de carácter e de sentimento; que não admittiamos o servilismo de obediência cega e que, para um esforço dispendido, deveria haver uma recompensa proporcional que não fosse um arrepiro consciencioso de egoísmo.

Mais: indicávamos-lhes o máximo de moderação para as paixões impetuosas, como indispensável e imprescindível, e salientando o amor da Pátria, lembrávamos-lhes o território em que nasceram e que lhes dá o sustento para a vida, a raça que lhes deu uma mesma origem étnica, a língua e a comunhão de sentimentos e vontades que os tornam iguais perante a lei que eles mesmos elaboraram e decretaram.

Em conclusão: que devemos obediência á disciplina pela clareza dos conselhos que encerra e á moral social pela lucidez com que se opõe ás perversões mentais que nos tornem fracos e quasi insatisfeitos.

Baldado, porém, foi o nosso intento porquanto se esqueceram estes ensinamentos e se deixaram crescer, medrar e aumentar á vontade os erros apontados — marcha de ódio que ameaça descontinuar a sociedade.

E dizemos baldado, porque caminha-se para o socialismo anárquico, «esse conjunto confuso de ataques mais ou menos violentos, sem doutrina, e inspirados unicamente pela paixão e pelo ódio, não precisamente contra a propriedade, mas contra a riqueza» — (Paul Janet); Ameaçam-se comdepar a trabalhos forçados o incivismo e o lixo e já se dá guarida e até se concebe que «todos os corpos vivos tem direito de se destruir uns aos outros» (1).

E assim entendida a evolução e a revolução completa, quasi incompreendida por uma das partes — cegueira abominável — que há a esperar para o bem comum? Só uma reacção poderosa de consciencia será capaz de atenuar a avalanche terrível que caminha para o imprevisito;

Só a compreensão nitida da nossa conduta será grilheta para esse amontoado de aspirações — porque a revolta é uma aspiração — que tem por efeito a subversão de nós próprios.

E aí de nós, aí da sociedade se nos entregarmos a este ociosismo característico e não procurarmos ir ao encontro da revolta...

L. C.

solvida a sociedade que girava nesta praça sob a firma José de Freitas Costa Soares & Filho, constituindo nm nova sociedade por quotas com o capital de cem mil esudos, sob a razão social de Freitas Soares, Filhos, Limitada, com s'de na Rua da Republica, 11 e 13, desta cidade, sendo gerente da nova firma o nosso amigo, José Fernandes de Freitas, e substitutos os srs. Artur e João Fernandes de Freitas, e José Soares Barbosa de Oliveira, como representante de D. Julieta Fernandes de Freitas Oliveira.

A's novas firmas mil prosperidades.

Grallias

Era o nosso ultimo numero, talvez influencia da aproximação de Marte, foram muitas as grallias saídas.

Que os carissimos leitores nobis perdoem e culpem o terrível plan ta da partida que nos pregon.

Notas intimas

Para a Povoada de Varzim partiram os nossos presados camaradas de redacção, Heitor S. Campos, Carlos Coelho, José Vieira Campos de Carvalho e Capitão Sousa Guerra.

Para a sua quinta de S. Claudio de Barco, em goso de férias, partiu o nosso correligionário e amigo, Amadeu de Almeida.

Na sua quinta de Santa Leocadia de Briteiros encontra-se, acompanhado de sua Ex.ª esposa, cunhada e filha, o nosso colaborador e amigo, Tenente Heitor de Almeida.

Tambem se encontram na Povoada de Varzim, os nossos particulares amigos, José Fernandes, Antonio Cabral, Eduardo Pereira dos Santos e João Barreira.

Asilo de Santa Estefania

Ofertas e donativos recebidos durante o mês de Agosto findo, offecidos pelos Ex.ªs Senhores:

Eduardo Ferreira, vogal da Comissão, 4 duzias de pentes de celuloite; D. Adelaide Ana Martins (Aldão), para melhorar o jantar no dia 15, 5000; A. J. Nascimento e Alfredo de Abreu, proprietários da Tombola que funcionou no Campo da Feira, por ocasião das Festas Gualterianas, 3000; Jaime Martins, de Lisboa, Joaquim Teixeira, da mesma cidade, e Ricardo Arroio, por intermedio do sr. José Cardoso, de Santo Tirso, respectivamente, 7000, 5000 e 4000; D. Luiza Margaride, 10 litros de feijão; Dr. Joaquim José de Meira e ex.ª esposa, 20 litros de feijão; Antonio Leite de Castro, 1000; D. Maria Henriqueta Leal Sampaio, para as asiladas ouvirem uma missa por alma de sua mãe D. Maria José Leal Sampaio, 200; D. Maria Ana de Melo Sampaio (Pombeiro), 4 alqueires de batatas e seta e meio litros de feijão; D. Adelaide Teixeira de Menezes, directora interina, 400, (ordenado do mês), e D. Mario do Lado Nunes, subdirectora interina, 350, (ordenado do mês).— Total, 6600 0.

A todos os benfeitores mais uma vez a Comissão Administrativa agradece muito reconhecida.

Lêde e propagai

“A RAZÃO,”

Semanário republicano.

Escola Industrial de “Francisco de Holanda,”

Resultado da frequência no ano lectivo de 1923 1924

Quimica Industrial -- Alfredo Dias da Fonseca, 12 val.; Américo Alves Ferreira, 14 val.; Antonio da Rocha Braga, 14 val.; Domingos Mendes Fernandes, 14 val.; Duarte Dias, 15 val., distinto; Fortunato Fernandes da Silva, 13 val.; Gaspar Gomes Alves, 14 val.; Joaquim Dias de Sousa, 14 val.; Manuel Alves Machado, 14 val.; Manuel Pinheiro, 14 val.; Serafim Ferreira de Oliveira, 14 valores.

Perderam o ano por insuficiência de média ou por faltas 9 alunos.

Desenho Geral—1.º ano Abilio Albertino Guimarães Mourão, 15 val., distinto; Alex ndrino Gonçalves da Costa, 15 val., distinto; Arnaldo Alves de Almeida Araujo, 13 val.; Benjamin Pereira dos Santos, 12 val.; Eduardo da Costa, 15 val., distinto; Gaspar Alves de Almeida Araujo, 14 val.; João André, 14 val.; João Salgado da Cunha, 14 val.; José Pereira Gonçalves, 15 val., distinto; Julio Alberto Coutinho, 13 val.; Mário Rodrigues de Paiva, 15 val., distinto; Joaquim Leite Monteiro, 16 val., distinto; Manuel Pinheiro, 17 val., distinto.

Perderam o ano por insuficiência de média ou por faltas 15 alunos.

Desenho Geral—2.º ano—Alberto de Freitas Mauricio, 13

val.; Domingos Duarte de Araujo Dantas, 17 val., distinto; Firmino Gonçalves Conde, 17 val., distinto; Gervasio Gonçalves da Silva, 16 val., distinto; João Monteiro, 12 val.; Rosa Candida Ferreira Gonçalves, 12 val.; Sérgio Martins de Carvalho, 15 val., distinto; Virginia Adelaide Baptista de Meira, 12 valores.

Desenho ornamental e modelação—Alfredo Dias da Fonseca, 14 val.; Antonio da Costa Antunes, 14 val.; Antonio Malheiro Rodrigues, 16 val., distinto; Domingos Mendes Fernandes, 16 val., distinto; Duarte Dias, 16 val., distinto; Francisco José Ferreira de Oliveira, 16 val., distinto; Joaquim Pereira, 16 val., distinto; José Joao de Assunção Neves, 15 val., distinto; Manuel Alves Machado, 15 val., distinto; Antonio Rodrigues da Rocha, 14 valores.

Perderam o ano por insuficiência de média ou por faltas 21 alunos.

Desenho mecânico—1.º ano—Américo José Ferreira, 16 val.; distinto; Antonio Augusto de Almeida Carneiro, 12 val.; Antonio Rodrigues da Rocha, 14 val.; Joaquim Moreira de Castro, 13 valores.

Perderam o ano por insuficiência de média ou por faltas 3 alunos.

Conclusão.

REPOZ

Aprendiz de tipógrafo, que saiba ler e escrever, precisa-se. Falar na R. de Gil Vicente, 36.

EULALIA COUTO

Parteira diplomada pela Faculdade de Medicina do Porto

Consultas (diagnosticos de gravidés)

Rua 31 de Janeiro, 111

Guimarães

V. Ex.ª precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Louçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38—PORTO.

Desconto aos Revendedores.

LANIFICIOS & MIUDEZAS

Matos, Teixeira & C.ª

86, Praça D. Afonso Henriques, 88—Guimarães

“A RAZÃO,”

Semanário Republicano

Ex.ª Sr.

um crime, o diabo... Por isso ninguém tenta e a culpa, em vez de correr para os hospitais e instituições semelhantes, corre para os santos. Nem para todos. Há santos e santos. Há-os fabulosamente ricos e há-os que não tem para mandar tocar um cego; há-os com magnificas vivendas e há-os que não tem onde cair mortos. Há santos com um rendimento pasmoso e há-os que vivem a vida miserável de qualquer funcionario publico destes reinos, d'aquem e d'além mar. E' que com os santos está-se a dar o que se dá com os homens: para uns tudo, para outros nada. Ora, pois, haja moralidade.

L. S.

CRONICAS DA VIDA

I

O ódio na mulher é um dom natural: saem das mãos de Deus já caprichosa e imperatiya. Adão foi o primeiro (?) homem a sofrê-la nos seus desejos que, satisfeitos, foram também o primeiro passo para a sua ruina, fazend-o e ir no fogo da Carne e do Prazer. Desde então o mundo da elegancia criou novos divertimentos entre os quais se encontram o Amor e a Indiferença, não ha grande veneno que só a mulher sabe, com arte e astucia, dar a provar ao coração dos ingénuos: o ódio que Deus lhe deu.

II

Uma mulher nunca sabe o que quer. Tudo deseja e nada se satisfaz. Por mais que se procure agradar-lhe, não somos capazes de satisfazê-la. E' como uma criança animada que nem os rebugados lhe adoçam a boca... e o génio.

III

Há agora uma «raça» pela qual as mulheres simpatizam: os «papos-secos» que a caricatura criou ofeminados e bem ridiculos. Os «meninos papos-secos» vestem pela casa High-Life e andam sempre em dia com o figurino da mulher. São exigentes na escolha do espartilho e na cor do «crème».

IV

Eu comparo um «papo-seco» com as plantas de estufa: um ar da noite fá-los «constipar»... e amimar.

AFONSO FRANÇA.

Tenente G. de Carvalho

Na passada segunda-feira, na vizinha vila de Fafe, consoreciou-se com a Ex.ª Sr.ª D. Maria Amélia da Cunha, o nosso camarada de redacção, Tenente Gervasio Campos de Carvalho.

Conhecidas as qualidades de distincção dos noivos ea lhaneza dos seus caracteres, nada mais será necessario para lhes augurarmos aquela felicidade a que tem jús.

«A Razão» envia sinceros parabens.

Vida comercial

Joaquim Patricio Saraiva & C.ª

Em circular datada de 14 de Agosto ultimo, participa-nos o sr. Joaquim Patricio Saraiva que associou á sua casa comercial seu cunhado, o sr. Pedro da Silva Freitas, adotando a nova firma o nome colectivo de Joaquim Patricio Saraiva & C.ª, transferindo para esta todo o Activo e Passivo da antiga Casa Patricio.

Freitas Soares, Filhos, Lim.ª

Tambem nos participam os filhos do saudoso José de Freitas Costa Soares que, por escritura de 19 de Agosto findo, lavrada no notario sr. Dr. Francisco Moreira Sampaio, foi dis-